CHINA

O Império Britânico negoceia em ópio (1).

British East India Co – Ricardo, os Mills, Smith, Malthus. O tráfico de ópio era considerado pelos britânicos como um honroso instrumento de política imperial. Este tráfico de narcóticos foi patrocinado por figuras como James Mill, John Stuart Mill, Adam Smith, David Ricardo, e Thomas Malthus.

Oriente britânico – Cultivar ópio, não comida. Nesta altura, grandes sectores do oriente britânico, mais notavelmente na Índia, eram reservados ao cultivo da papoila, por exclusão de comida, ao ponto em que milhões de pessoas dependiam do cultivo, distribuição e consumo de drogas para poderem sequer ter acesso a comida.

Grupos anglo-americanos – de Matheson e Baring a Astor e Morgan. Algumas das mais ricas e influentes famílias britânicas estavam envolvidas nisto, entre as quais os Matheson, Rothschild, Keswick, Swire, Dent, ou Baring. Mais tarde, uma série de grupos americanos juntaram-se: Perkins, Astor, Forbes, Morgan.

WATT – "Opium Wars – Burma – Lots of big players come from this".

apr26 - britain, opium sec19 (Britain the country that ran opium during the 1800s – Parliament, politician questions how taxpayers of Britain were paying for troops, railway lines, etc, to guard poppyfields in Burma – Crown Corporation)

may1 - british opium (1920s, opium fields throughout burma – still at it today, of course)

jun14 - lots of big players today descend from opium wars (so many of the big players today are descended from the families that made their money from the opium wars and other kinds of scenarios across the world)

O Império Britânico negoceia em ópio (2).

Índia → Companhias mercantis → Tríades → Bancos e agências britânicas. Nesta altura, um dos mercados principais do ópio britânico era a China. O ópio era carregado a bordo de navios mercantes na Índia, descarregado nas costas chinesas, e depois era distribuído pela populações por grupos criminosos que estavam disseminados pela sociedade fora, e agremiavam bastante influência social: estes eram as Sociedades da Terra e do Céu, ou Tríades.

Observação – Giuseppe Mazzini cria a Máfia. Usar uma infraestrutura de gangs criminosos para controlar os níveis mais baixos da sociedade e impor ditados vindos de

cima é uma prática política quase tão antiga como a história dos estados. Algumas décadas mais tarde, um certo Giuseppe Mazzini, um agente britânico, começa a criar uma organização que viria a ser conhecida como Máfia.

BEIC, Chartered Bank, HSBC, e várias outras companhias e agências. Estas operações envolviam vários jogadores, uma série de companhias, bancos e organizações criminosas. Por um lado, as Tríades e uma série de banqueiros chineses; por outro, casas bancárias e mercantis anglo-americanas (mas que representavam a Coroa britânica, bem como outros interesses financeiros ocidentais que tinham participações neste negócio), como a British East India Company, o Hong Kong and Shanghai Bank, o Chartered Bank, e uma série de companhias mercantis especializadas, como a Jardine Matheson & Co., Ltd., e a Peninsular and Orient Steam Navigation Company.

Lucros de 800% nos primeiros 11 anos de operação. Entre 1829 e 1840, entraram $7 milhões de prata na China, e saíram $56 milhões (ver carregamentos mais à frente).

Lucrar, incentivar toxicodependência, decadência, atraso cultural. É claro que estas coisas visavam lucros, e estes eram exponenciais. Tal como hoje acontece, o tráfico internacional de ópio era tremendamente lucrativo. Mas o objectivo principal não era comercial. A ideia aqui era incentivar a proliferação de toxicodependência, atraso cultural, e decadência (corromper e provocar a degeneração da cultura e do tecido social), junto da população chinesa, de modo a torná-la um alvo mais fácil de conquista. Nesta altura, a cultura chinesa era bastante resistente a influências exteriores. Um pouco à semelhança do que era feito com os indígenas das Américas, que os Europeus inundavam de álcool.

Carregamentos para China (de 5000 para 105.000 contentores, 1801-1880).

- De 1801 a 1820, 5000 contentores (chests) por ano;

- De 1830-31, 18.956 contentores;

- 1836, 30.000 contentores;

- 1860, mais ou menos 58.000 contentores;

- 1880, mais ou menos 105.000 contentores.

I Guerra do Ópio.

Imperador começa campanha para impedir tráfico (1839). Isto leva o Imperador a começar, em 1839, uma campanha para impedir o tráfico de ópio para dentro da China.

Matheson celebra evento – "Chineses caíram, agora segue-se uma boa velha guerra". Este evento é celebrado por Matheson, da Jardine Matheson, numa carta ao seu sócio Jadine (que estava em Londres a conferenciar com o PM, Lord Palmerston, sobre as possibilidades de guerra com a China), onde diz que: «*....the Chinese have fallen into*

the snare of rendering themselves directly liable to the Crown. (…) I suppose war with China will be the next step»

Lord Palmerston – "Vencendo na China, mercados asiáticos estarão totalmente abertos". Nessa altura, Lord Palmerston, PM, envia um comunicado a Lord Auckland, então Governador geral da Índia, onde diz que: «*...If we succeed in our China expedition, Abyssina, Arabia, the countries of the Indus and the new markets of China will at no distant period give us a most important extension to the range of our foreign commerce*»

I Guerra do Ópio, 1840-42.

Concessão de Hong Kong, abertura comercial a França, EUA, Escandinávia. A 1ª guerra do ópio acabou em 1842 com a derrota total dos chineses, com a concessão de Hong Kong, e com o início de relações comerciais com França, América e Escandinávia.

Royal Marines abrem portas ao consórcio internacional de liquidação da China. Ou seja, a guerra foi travada pelos Royal Marines, em nome não apenas da Grã-Bretanha mas de tudo aquilo que viria a ser o consórcio internacional de exploração da China.

O primeiro movimento "legalize" da História, conduzido pela Coroa britânica. Este foi o primeiro movimento "legalize" da história: conduzido pela Coroa britânica, imposto pelos canhões da Marinha Imperial, festejado e promovido por um conjunto geriátrico de banqueiros e lordes britânicos.

II Guerra do Ópio.

Iniciativa conjunta Grã-Bretanha e França. Entre 1856 e 1860 (confirmar datas), uma iniciativa conjunta entre Inglaterra e França.

Derrota total chinesa, uma vez mais. Também acaba com a derrota total dos chineses, destruição do Palácio de Verão perto de Pequim.

Abertura de mais sete portos e do Yangtze, expansão de Hong Kong – indemnização. Os resultados foram a abertura de mais sete portos, e do rio Yangtze, ao comércio ocidental. Pagamento de uma indemnização e cedência de ainda mais território para Hong Kong.

A conquista comercial da China.

A China era um país rural e imperial. Nesta fase, a China era um país rural, apegado às suas tradições, e governado por uma dinastia imperial.

Mas também era uma mina de ouro. Nesta altura, a China é vista como uma mina de ouro à espera de ser explorada.

Guerras resultam em concessões comerciais e territoriais ao consórcio estrangeiro. Dos choques militares com o Império Britânico resultou uma situação em que foram dadas progressivamente mais aberturas às potências euro-americanas, que se comportavam como um consórcio (ver dados em 'Guerras do Ópio'). Estas concessões, que eram comerciais e territoriais, foram atribuídas na sequência de campanhas de pura e simples chantagem militar.

Feudos militares ocidentais, onde chineses são meros "coolies". Neste cenário, temos as forças armadas europeias a ter mais poder e influência do que os próprios nativos chineses, que eram tratados como animais inferiores no seu próprio país.

China cede progressivamente mais concessões e territórios – ex., Birmânia, Coreia. Com a obtenção de mais concessões comerciais e a obtenção de territórios. Os Franceses obtêm Annam e os Britânicos adquirem a Birmânia. Depois, na guerra com o Japão, o Japão conquista a Coreia.

Consórcio – Inglaterra, França, Portugal, América, Rússia, Japão, Alemanha.

Rebelião Boxer e queda do regime imperial. Nalguns casos, isto deu origem a respostas violentas, como a Rebelião Boxer, uma revolta popular contra as tropas de ocupação estrangeiras. Os Boxers foram rapidamente esmagados. Por essa altura, o regime imperial simplesmente colapsou.

RUSSELL – A essência da diplomacia do Consórcio – "treaties are scraps of paper".

«*In the early days, the Chinese had no experience of European diplomacy, and did not know what to avoid; in later days, they have not been allowed to treat old treaties as scraps of paper, since that is the prerogative of the Great Powers – a prerogative which every single one of them exercises*» [Bertrand Russell, "*The Problem of China*" (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd]

IBC, um género de FMI – Saque, colapso e feudalização da China.

International Banking Consortium, dominado por JP Morgan e HSBC.

Representa o auge da desestabilização, saque e pilhagem da China. A campanha de desestabilização política e económica, para saque e pilhagem atingiu o auge com a imposição do Consórcio Bancário Internacional, que acompanhou a assinatura de uma série de tratados de concessões. Desde o final dos anos 10 (1917) até meados dos anos 20, as políticas económicas e de negócios estrangeiros da China passaram a ser geridas por esta entidade, que tinha sido criada por governos (UK, EUA, Japão e França) e era dirigida por banqueiros; as duas figuras dominantes eram Thomas Lamont (JP Morgan) e Sir Charles Addis (Hong Kong and Shangai Bank).

IBC dominava completamente a economia chinesa – uma forma de FMI. Este consórcio funcionava para a China como o FMI funciona para o 3º mundo hoje em dia: controlava todo o crédito para a China, impunha condições políticas e económicas, e usava o seu poder para impedir interesses privados competidores de investirem no país, fora do controlo do consórcio.

Impôs austeridade, asfixia económica, privatização, "free trade". O IBC manteve a China num estado de asfixia económica, forçando impostos elevados, privatização em massa de recursos, restrição severa da produção e forçando o país a aceitar importações prejudiciais.

RUSSELL – "A pretty game – criar bancarrota artificial, e o castigo subsequente".

«*It is a pretty game: creating artificial bankruptcy, and then inflicting punishment for the resulting anarchy*» [Bertrand Russell, "*The Problem of China*" (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd]

IBC atinge vitória final – Colapso, feudalização, senhores da guerra, caos. Tudo isto assegurou que o colapso económico seria acompanhado por anarquia política, com o financiamento de movimentos subversivos, revoltas e a ascensão de senhores da guerra regionais – de modo a assegurar o abate do velho sistema, e que o país era lançado em caos. O resultado foi o seccionamento do país em vários feudos dominados por estes senhores da guerra.

Desintegração económica e estrutural leva a desintegração territorial. Ou seja, a desintegração económica e estrutural do país, levou à sua desintegração territorial, num processo de dividir para reinar.

Mas a "free trade" prosseguia. Enquanto isso, os interesses bancários que governavam o país eram livres para expoliar os recursos do mesmo.

China colapsa em guerra civil permanente, o que se enquadra em Versailles.

Anarquia, conflito interno, guerra civil permanente. As décadas seguintes foram marcadas por este estado de caos, anarquia e conflito interno, à medida que um país anteriormente civilizado era barbarizado.

Após Versailles, Londres e Wall Street pretendem hegemonia. Tudo isto entrava em jogo com o equilíbrio de poder arquitectado pelos britânicos, que deixava a elite bancária anglo-saxónica na posição de dominadora do mundo.

Destruir qualquer potência emergente, saquear recursos. África, América do Sul e Pacífico estavam em situação colonial, o Médio Oriente estava desagregado após a queda do Império Otomano, a Europa estava destruída, e a Rússia estava fora da corrida, nas mãos de um sistema canibalístico (os bolcheviques), o Japão era ainda fraco e dependente de importações ocidentais para o seu desenvolvimento. O jogo nesta fase

era, portanto, a destruição de qualquer potência emergente, e a exploração dos recursos dos territórios subjugados, algo que já tinha sido alcançado na Rússia com a instalação dos bolcheviques.

Subversão cultural.

Campanhas de propaganda e redes de escolas para classes média e alta. A subversão da China passou pelo estabelecimento de enormes redes de propaganda, e foram estabelecidas redes de escolas e bolsas de estudo para as classes médias e altas, que vão tentar incutir uma nova forma de ver as coisas, junto das gerações seguintes.

Shanghai e Pequim, os epicentros destas experiências.

Yen Fu – Denunciar tradições morais, promover lei do mais forte.

Agente de influência treinado em Inglaterra, promovido a estrela. Yen Fu era um agente de influência treinado em Inglaterra, e foi promovido pelos seus patrocinadores para receber o estatuto de estrela.

Promover sócio-darwinismo, combater Cristianismo, confucianismo, republicanismo. A tarefa de Yen Fu foi a de disseminar darwinismo social no panorama intelectual chinês; atribuíndo a esse género de pensamento, do supremacismo do mais forte, os méritos pelo sucesso industrial e intelectual do ocidente. Nada mais interessava: nem o Cristianismo, nem o Renascimento, nem o Republicanismo – nada disso existia ou interessava. A ideia era, aliás, a de denunciar o Confucianismo, o Cristianismo, e as tradições morais e familiares chinesas como elementos corruptores, responsáveis pelo atraso e pelos problemas da China, coisas a serem derrubadas. Só uma visão materialista das coisas era a chave do progresso, e toda a ideia de uma base moral para a sociedade tinha de ser eliminada.

Torna-se influência poderosa, serve de base a marxistas chineses. Tornou-se uma influência poderosa no ambiente intelectual chinês, e o seu trabalho serviu de base ideológica para pessoas como Mao e a restante elite marxista chinesa.

Russell, Dewey e os marxistas chineses.

SPM, Pequim – núcleo duro do Partido Comunista. Sociedade de Pesquisa Marxista, Universidade de Pequim, estabelecida na sequência da revolução bolchevique na Rússia. Vem a tornar-se no núcleo duro do Partido Comunista Chinês e é desta Sociedade que surge a futura elite maoísta.

Duxiu e Mao, doutrinados em Bentham, Spencer, Darwin, Kant, Mill. Entre os membros fundadores da SPM, temos Chen Duxiu, um dos membros fundadores do PCC, e um dos participantes é um certo Mao Tse Tung. Ambos tinham sido doutrinados

pelos escritos de Yen Fu, e Mao, por exemplo, tinha sido um ávido leitor de Herbert Spencer, J.S. Mill, Kant, Darwin, e outros. Ambos eram inimigos ávidos do Confucianismo chinês e exigiam um governo de estilo materialista para a China.

Russell e Dewey são enviados à China para dar aulas de comunismo. Durante o período de 1919-1921, Bertrand Russell e John Dewey, são enviados à China para dar aulas de comunismo (leninismo, bolchevismo), materialismo anglo-germânico, darwinismo social, em Pequim e em Shaghai. Destas aulas surge o que viria a ser o núcleo duro do PCC, incluíndo um jovem Mao Tse Tung. A viagem de Russell foi patrocinada pela Anti-Religion Society, e a chegada à China foi feita após uma tour pela Rússia. Russell escreveu sobre as suas acções, na sua autobiografia:

RUSSELL – "Within a few years these young men had conquered China".

***Universidade de Pequim, uma instituição notável*.**

***Os jovens que ensinei eram notáveis, e em poucos anos tinham conquistado a China*.**

«*The National University of Peking for which I lectured was a very remarkable institution. The students… were ardently desirous of knowledge… The atmosphere was electric with the hope of a great awakening. At that time the sordidnesses and compromises that go with governmental responsibility had not yet descended upon the reformers. Within a few years those young men had conquered China*» [Bertrand Russell, "*The Autobiography Of Bertrand Russell, 1914-1944*"]

Bertrand Russell produz a Revolução Cultural (devastação sócio-cultural). A vitória de B. Russell e dos serviços secretos britânicos tornou-se evidente com a Grande Revolução Cultural Proletária na China, de 1966 a 1976. Foi aí que a visão do homem de Bertrand Russell veio ao seu auge de realização: a destruição da família e da tradição moral chinesa, exigidas por Russell, com as crianças coagidas a condenar os seus pais por crimes tais como a adesão a tradições clássicas (Confucianismo); a destruição da instrução avançada, com a execução de professores e a destruição de universidades; políticas maltusianas de gestão da população.

Mao – "Enterrámos 46.000", na campanha anti-Confúcio. Mao até levou a cabo uma campanha anti-Confúcio. Disse: "*O Imperador Ch'in enterrou vivos 460 académicos; nós enterrámos 46.000.*"

Bertrand Russell – The Problem of China (1922).

O futuro da China, uma questão recorrente nos anos 20. O que fazer com a China? Nos anos 20, esta questão é colocada repetidamente. O que fazer com este esqueleto de país? Bertrand Russell foi um dos homens mais malevolentes de sempre, mas também um génio infernal e, em 1922, escreve a sua prescrição para o futuro da China. [Bertrand Russell, "*The Problem of China*" (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd]

Exemplo, Lionel Curtis – “The Capital Question of China”.

Um país mais libertário que o ocidente.

Muito pouca interferência com expressão livre e imprensa.

Pessoa pode pensar por si, não seguir manada – Individualismo sobrevive na China.

Qualquer coolie pode ter auto-respeito e dignidade pessoal.

«*In China… there is very little interference with free speech and a free Press. The individual does not feel obliged to follow the herd, as he has in Europe since 1914, and in America since 1917. Men still think for themselves, and are not afraid to announce the conclusions at which they arrive. Individualism has perished in the West, but in China it survives, for good as well as for evil. Self-respect and personal dignity are possible for every coolie in China, to a degree which is, among ourselves, possible only for a few leading financiers*»

O potencial da China.

Rica em população, recursos, força potencial, possibilidades industriais.

China pode vir a ser a maior nação do mundo após EUA.

É-nos dito que, «*...in population and potential strength China is the greatest nation in the world…*», onde «*the industrial possibilities of the country are very great*» e, «*China, by her resources and her population, is capable of being the greatest Power in the world after the United States*».

Socialismo de estado, industrialização, doutrinação.

Fórmula de Russell, uma adaptação do socialismo de estado de Lenin.

Industrialização a larga escala.

Doutrinação em massa das novas gerações no espírito do socialismo.

Russell diz-nos que a fórmula adequada a utilizar para a China é uma forma adaptada de Bolchevismo, onde seria necessário construir um «*strong centralized State*», baseado no «*State Socialism*» de «*Lenin*», que reprimisse as liberdades individuais, impusesse «*industrial development*» a larga escala, e conduzisse campanhas de propaganda em massa, «*education on a large scale*», para ‘educar’ as novas gerações.

Um partido de vanguarda, fortemente disciplinado. Russell diz-nos que os Chineses «*…they are capable of wild excitement, often of a collective kind*», e isso podia ser usado. Para conduzir a mudança e impor o novo sistema, teria de ser criado um partido de vanguarda que seria uma «*strong organized force*», um partido totalitário e «*strongly disciplined*».

As dificuldades para impor socialismo na Rússia.

China tem estado muito fraco, e é um país livre e baseado em comércio privado.

Porém, Bolchevismo exige controlo estatal totalitário.

Russell queixa-se que seria difícil impor Bolchevismo na China, porque, «*It requires a strong centralized State, whereas China has a very weak State… Bolshevism requires… more control of individual lives by the authorities than has ever been known before, whereas China has developed personal liberty to an extraordinary degree… Bolshevism dislikes private trading, which is the breath of life to all Chinese*».

Caracterização sócio-cultural e económica.

China é um país muito livre, assente em comércio privado. Russell diz-nos que a «*China has a very weak state*», «*China has developed personal liberty to an extraordinary degree*», onde «*private trading… is the breath of life to all Chinese*».

Povo chinês é cortês, considerado, têm candura e moralidade.

A revolução industrial ainda não lhes afectou os processos mentais.

Estruturas tradicionais, como família e Confucianismo, dificultam transição. Ao mesmo tempo, é-nos dito que o povo chinês era caracterizado por uma «*set of virtues, such as courtesy, considerateness, and compromise… They retain a certain crystal candour and a touching belief in the efficacy of moral forces; the industrial revolution has not yet affected their mental processes*», e as estruturas tradicionais, como a família e o Confucianismo, dificultavam a transição.

Isto era inadmissível.

Há que mudar panorama moral, desenvolver impiedade e ausência de escrúpulos.

Destruir o sistema familiar é essencial para o progresso na China. Ora bem, isto não podia ser, era inaceitável, portanto tinha de haver uma «*great change in Chinese morals*», e havia que desenvolver no povo Chinês a «*ruthlessness, and unscrupulousness which the situation demands*» e, «*the decay of the family system is a vital condition of progress in China…*»

Controlo de natalidade.

China país ideal para aplicar maltusianismo, controlo de natalidade a larga escala. Na China, diz-nos Russell, «*Malthus' theory of population… finds full scope*» e o país deveria ser submetido a uma campanha de «*birth-control on a large scale*» que acabou por surgir, claro, na forma da política de uma criança por família, com a imposição compulsiva de aborto e esterilização.

Permitir exploração comercial americana. Finalmente, «*When Young China has done its work, Americans will be able to make money by trading with China, without destroying the soul of the country*»

Um novo sistema económico para o mundo.

Comunismo chinês trará consigo um sistema económico melhor.

Dará a toda a humanidade uma nova esperança, no momento de maior necessidade.

Russell parece enquadrar isto num cenário de colapso capitalista.

Numa passagem curiosa, Russell diz-nos que a contribuição da China comunista seria, eventualmente, a «*inauguration of a better economic system*», e que isso significaria que a China «*will have given to mankind as a whole new hope in the moment of greatest need*». Supõe-se que aqui estamos a falar do pós-capitalismo; quando o sistema capitalista começasse, ou começar a colapsar, a suposta salvação virá da China. [Bertrand Russell, "*The Problem of China*" (1922). London: George Allen & Unwin, Ltd]

Lord Russell dá o mote às round tables.

Orientações de Russell, o manual oficioso de RIIA, Pacific Councils, IPR. As direcções propostas por Russell tornam-se no manual não-oficial seguido pela rede global de round tables, com centro no RIIA, e centros menores nos Pacific Councils e no IPR.

Situação da China no início da II Guerra.

País dividido entre governo central de Chiang e os comunistas de Mao. Duas décadas depois, a situação na China mudou substancialmente: o país está dividido entre um governo central democrático, comandado por Chiang Kai Chek, e as forças rebeldes comunistas, de Mao Tse Tung.

Japoneses detêm Manchúria e outras partes substanciais do país. Por outro lado, os Japoneses tinham invadido partes substanciais do país.

EUA do lado de Chiang no início da guerra. Com o início da II Guerra, os EUA prestam apoio directo ao governo de Chiang.

SKOUSEN – "They set about to destroy Chiang Kai Chek".

State Department, Marshall, retiram apoio a Chiang por forma a promover Mao.

(**JS – 3:15**) The fall of China...to Mao Tse Tung. Our own state Department, in league with George Marshall, set about to destroy Chiang Kai Chek. They withdrew support from him, so he couldn't win against Mao.

A equipa Stillwell propagandeia contra Chiang e a favor de Mao.

A equipa Stillwell na China, durante a guerra – Davies, Service e outros. Durante a guerra, o destacamento militar americano na China era comandado pelo General Stillwell, que comandava uma equipa composta por vários oficiais do Foreign Service, fornecidos pelo State Department: John Paton Davies, Jr., John Stewart Service, Raymond P. Ludden, e John K. Emmerson.

Relatórios exigiam abandono de Chiang em prol de comunistas. Os relatórios que saíram da equipa Stilwell sugeriam abertamente que Chiang Kai-shek fosse abandonado em prol de Mao Tse-tung. Estes relatórios obtiveram larga circulação. Cópias destes relatórios chegavam ao State e ao War Departments e à Casa Branca, através do Tesouro, do Office of War Information e do OSS. Temos, por exemplo, os seguintes relatórios de John Stewart Service.

John Service (Oct-1944) – "We need not fear the collapse of the Kuomintang".

Pode haver alguma confusão a seguir, mas o colapso em si compensará isto.

«*We need not fear the collapse of the Kuomintang government… There may be a period of some confusion but the eventual gains of the Kuomintang's collapse will more than make up for this*» John Stewart Service, Report No. 40, October 10, 1944 [*Hurley Papers*, File 312, Document No 48, *Mss.* Santa Fe]

John Service (Mar-1945) – "Communism will bring democracy, industrialization".

PCC é um partido agrário, devotado a desenvolvimento económico e unidade.

Único garante de democracia, industrialização, paz, estabilidade à China.

«***The Chinese communist Party****, on the other hand,* ***is the party of the Chinese peasant****. Its program--reduction of rent and interest progressive taxation, assistance to production, promotion of cooperatives, institution of democracy from the very bottom--is designed to bring about a democratic solution of the peasants problems. On this basis, and with its realization of the necessity of free capitalistic enterprise based on the unity, not conflict of all groups of the people,* ***the Communist Party will be the means of bringing democracy and sound industrialization to China. These are the only possible guarantees of peace and stability***» John Stewart Service, Report No. 10, March 13, 1945

Linha constante – Chiang era "fascista corrupto", Mao um "camponês democrático". A linha constante nestes esforços literários era a de que o governo de Chaing Kai Chek era autocrático, incorrigível, "fascista", "totalitário", preenchido de "reaccionários corruptos". Por contraste, Mao Tse-Tung e os seus discípulos eram "reformadores agrários", "nativos", "patriotas", "honestos", "libertadores dos camponeses". Havia duas Chinas: uma era "feudal", e a outra era "democrática" e "progressista".

O IPR, de Milner e Morgan, propagandeia contra Chiang e a favor de Mao.

“Chiang-fascista”, “Mao-libertador” também era a linha do IPR.

IPR, transmissor de agitprop nos EUA, com larga influência sobre governo. Esta também foi a linha do IPR, que funcionou durante anos como o principal transmissor de propaganda comunista nos EUA, e tinha larga influência sobre o governo americano.

O IPR era parte da estrutura de round tables, e era um braço de Wall Street. Esta era uma das organizações da infraestrutura criada por Milner, que tinha institutos correspondentes na China, no Japão, na Coreia, na Austrália, Nova Zelândia, Filipinas e, mais tarde, URSS.

Lamont, Luce, Swope, Fundações Carnegie e Rockefeller, JP Morgan, Shell, IBM. Era financiado por indivíduos como Thomas Lamont, Henry Luce e Gerald Swope, bem como pelas fundações Carnegie e Rockefeller, por JP Morgan & Company, Shell Oil, e IBM.

Yalta – URSS concessionada a entrar na China, para desfazer balanço de forças.

De Yalta a Potsdam, Japão procura render-se, resolvendo a guerra. Ainda antes de Yalta, os Japoneses apresentam termos de rendição. Isto continua até Potsdam. A disponibilidade japonesa para a rendição invalidava o único motivo possível para oferecer a Manchúria aos soviéticos.

O Japão estava nos últimos esforços, e a bomba-A estava a caminho. Do mesmo modo, era sabido que a guerra estava quase acabada – as chefias militares aliadas tinham a noção de que o Japão estava nos últimos esforços; e a bomba atómica estava a caminho.

Em Yalta, FDR e Marshall abrem portas do Extremo Oriente a Stalin – cedências. Em Yalta, FDR urge Stalin a entrar na guerra no Pacífico. É aconselhado por George Marshall, neste processo. As seguintes cedências são prometidas, à URSS:

A sátrapa Mongol-soviética. Manutenção do status quo, pró-soviético, na Mongólia Exterior; por outras palavras, a completa independência da “República Popular da Mongólia”;

Kurile, Sakalin sul, Dairen, Port Arthur. Ilhas Kurile, Southern Sakalin, Dairen e Port Arthur.

Ferrovias Manchúria-Rússia. Linhas ferroviárias Manchúria-Rússia. Chinese-Eastern Railroad e South-Manchurian Railroad.

China mantém domínio sobre Manchúria, mas torna-se dependente da URSS. No entanto, no papel, a China mantinha o domínio soberano da Manchúria.

URSS declara guerra ao Japão após Hiroshima. A Rússia entrou na guerra contra o Japão apenas cinco dias antes do cessar-fogo. Isto foi a 7 de Agosto, no dia a seguir a Hiroshima. Enquanto as tropas soviéticas entravam na Manchúria, Nagasaki era bombardeada, e a guerra acabava.

Exército Vermelho saqueia Manchúria – indústria, bens de consumo. Os soviéticos enviaram mais de 700.000 tropas para a Manchúria, imediatamente após a declaração de guerra contra o Japão. Após a chegada, os soviéticos começaram imediatamente a confiscar tudo o que encontraram de valor no território, especialmente maquinaria industrial e comida. Os danos para a indústria local foram de perto de $858 milhões, e os custos de substituição foram da ordem dos $2 biliões.

URSS arma maoístas a partir da Manchúria. A partir daí, as tropas soviéticas puderam equipar e organizar os rebeldes maoístas.

Hiperinflação chinesa.

China emite papel-moeda inflacionário para combater Japão e guerrilhas maoístas. Para manter as despesas de guerra (contra o Japão e contra os comunistas) e, na ausência de bens reais, o governo chinês foi forçado a emitir massas de papel-moeda sem cobertura, originando inflação, que começa logo durante a II Guerra.

FDR autoriza empréstimo de ouro e outros, para cobertura (1942). Em Fevereiro de 1942, FDR pede autorização ao Congresso para um empréstimo de $500,000,000 – 2/5 disto em ouro – a Chiang Kain-shek, para estabilização económica interna. O empréstimo foi aprovado e Morgenthau recebeu a responsabilidade de tratar dos detalhes.

Dexter White e o Tesouro bloqueiam, atrasam empréstimo. Nesta altura, a figura central no Tesouro era Harry Dexter White, chefe da divisão monetária internacional, e assistente especial ao Secretário em questões de política externa. White e os seus subordinados consistentemente bloquearam e atrasaram o envio do ouro aos chineses. Apenas $29 milhões dos $200 milhões em ouro chegaram à China antes da capitulação japonesa em 1945.

Colapso hiperinflacionário em Junho de 1945. O colapso financeiro ocorre após os EUA anunciarem que iam interromper os carregamentos de ouro para a China, a 26 de Junho de 1945. Isso devastou a infraestrutura política e social, e resultou no aumento de poder aos comunistas.

Enquanto China colapsa, Europa recebe $14B, URSS $10B, em créditos pós-guerra. Ao mesmo tempo, Dexter White estava empenhado em dar um empréstimo pós-guerra de $10 biliões à União Soviética. E, a Europa recebe $14 biliões para reconstrução e estabilização económica, e prevenir precisamente o que se estava a passar na China – colapso e caos.

Turquia e Grécia recebem apoio militar contra comunistas (esfera NATO). Na Turquia e na Grécia até foi dado apoio militar contra os comunistas locais. Mas não na China.

UNRRA.

Assistência económica a ambos os lados. Com a UNRRA, foi dada assistência económica tanto a nacionalistas, como a comunistas.

Destruição de mantimentos no Índico.

Equipamento destinado, e cobrado, à China. No final da guerra, no Oceano Índico, as autoridades militares americanas detonaram e despojaram-se de 120.000 toneladas de equipamento militar, na Baía de Bengala. Muito deste equipamento era suposto ser entregue à China, e foi-lhe cobrado, mas nunca entregue.

Embargo militar de 1946 revitaliza Mao.

Embargo de equipamento militar entra em 1946. Em 1946, os EUA e o Reino Unido declaram um embargo sobre a venda de armamento a Chiang Kai-Chek.

Marshall – "Armei 39 divisões anti-Comunistas, agora posso desmantelá-las". «*As Chief of Staff I armed 39 anti-Communist divisions, now with a stroke of the pen I disarm them*» George C. Marshall

Antes do embargo, governo superiorizava-se a Comunistas em 5 para 1. Antes do embargo, o Governo Nacional tinha uma superioridade de 5 para 1 (sobre os Comunistas) em tropas de combate e armas, um virtual monopólio de equipamento e transporte pesado, e uma força aérea sem oposição. Tinha também 39 divisões treinadas e equipadas pelos EUA.

Embargo interrompe vitórias de Chiang, revitaliza Mao. Quando o embargo entrou em vigor, Chiang Kai-Chek estava a vencer a guerra e a derrotar bastiões comunistas por toda a China. O embargo durou durante um ano, tempo suficiente para permitir aos Comunistas reganharem posição, e lançarem ofensivas de larga escala em 1947, agora com equipamento soviético de apoio.

Até embargo, era uma rebelião, após embargo, uma guerra civil. Até ao embargo, Mao conduzia uma rebelião. Após o embargo, era uma guerra civil.

China Aid Bill – Obstrução de assistência militar (1948).

Marshall bloqueia assistência militar Congressional – China Aid Bill (1948). Perto do fim, obstrução governamental de assistência militar mandatada pelo Congresso. Com a "China-aid bill" de 1948 pretendeu-se dar uma ajuda de última hora ao governo nacional chinês.

Marshall, Commerce e State bloqueiam e atrasam carregamentos. A operação foi sabotada por Marshall e pelos Commerce e State Departments. Demoraram sete meses até que o primeiro carregamento saísse de Seattle para a China. Os preços fixados sobre os equipamentos militares eram exorbitantes.

O governo central cai.

Chiang foge para Taiwan.

China divide-se em República da China e República Popular da China. Finalmente, o governo central cai e Chiang foge para Taiwan, onde é estabelecida a República da China, por oposição à República Popular da China.

Owen Lattimore – "Allow them to fall without looking as if they were pushed".

Com amigos deste género, não se precisa de inimigos.

Lattimore, decision-maker para Pacífico, ligado ao IPR. Owen Lattimore era o deputy director de Pacific Operations no Office of War Information, o principal porta-voz da organização sobre o Oriente. A situação foi melhor sintetizada no seguinte artigo:

EUA assumiram postura de inacção relativa, mas não completa.

O dilema era como fazer Chiang cair sem parecer ter sido empurrado pelos EUA.

Isto nunca pode ser completamente escondido, e críticos denunciam a jogada.

«*As a compromise, American policy took a course of relative inaction, but not complete inaction. As it became more and more obvious that Chiang Kai-shek and the Kuomintang were doomed, the conduct of American policy became increasingly delicate.* ***The problem was how to allow them to fall without making it look as if the United States had pushed them***. *Such a policy never succeeds completely [that is, it cannot be wholly concealed] and critics have done their best to make the public believe that the United States did push Chiang and the Kuomintang over the cliff*» [Owen Lattimore. "*South Korea—another China*". *Compass* magazine. July 17, 1949]

Queda de Chiang permite disseminação comunista, guerra na Coreia.

<u>EUA toleram destruição de último tampão a comunismo no Extremo Oriente</u>. Com a queda de Chiang Kai-Chek, os EUA destruíram o único tampão para a disseminação do comunismo pelo Extremo Oriente.

<u>Isto lança o repto para a guerra da Coreia</u>. Uma consequência imediata disso foi a tomada de poder da Coreia do Norte por comunistas logo em 1951.

<u>Reformistas agrários de Service e Marshall vão ao paralelo 51 matar GIs</u>. Nesta altura, os "camponeses democráticos" de John Service aparecem no paralelo 51 a matar tropas americanas.

Composição parcial do grupo pró-comunista no governo americano.

<u>Líderes – Hopkins, Hiss, Dexter White</u>. Harry Hopkins, Alger Hiss, Harry Dexter White. Estes eram os líderes.

<u>Rapazes de Wall Street – identificados por FBI como agenturs pró-comunistas</u>. Os membros deste grupo vinham todos dos bancos e das fundações de Wall Street, e vieram a ser identificados pelo FBI como sendo agentes de influência comunistas.

<u>Quinta coluna de Dexter White premiada com liderança FMI</u>. A maior parte dos agentes-chave no Tesouro americano (o líder deste grupo era Harry Dexter White) foram depois premiados com posições de destaque no Fundo Monetário Internacional e noutras agências das Nações Unidas.

JFK sobre China (1949) – Logo após ascensão de Mao.

<u>Casa Branca, USSD, responsáveis por fracasso de política externa no Extremo Oriente</u>.

<u>Yalta: FDR doente, persuadido por Marshall e outros a fazer cedências a URSS</u>.

<u>Esta é a história trágica da China</u>.

<u>Os nossos homens salvaram-na, e os nossos diplomatas e Presidente deitaram-na fora</u>.

«*The responsibility for the failure of our foreign policy in the Far East rests squarely with the White House and the Department of State…*» (1)

«*At the Yalta Conference in 1945 a sick Roosevelt, with the advice of General Marshall and other Chiefs of Staff, gave the Kurile Islands as well as the control of various strategic Chinese ports, such as Port Arthur and Dairen, to the Soviet Union…This is the tragic story of China whose freedom we once fought to preserve. What our young men had saved, our diplomats and our President have frittered away*» (2)

(1) JFK, January 25, 1949 (Congressional Record, p. 532)

(2) JFK, January 30, 1949, speech in Salem, Massachusetts [JFK Papers, PRPP, Box 95, speech files, 1946–52 folder, Jan. 30, 1949, speech in Salem, MA, JFKL]

Chuang-Tze sobre mecanização social.

Po Lo compreende a gestão dos cavalos.

Então prende-os, maltrata-os, esforça-os ao limite, mata-os à fome e sede.

Mais de metade dos cavalos morrem.

Outro vem moldar argila, e usa compassos e esquadros.

«*Horses have hoofs to carry them over frost and snow; hair, to protect them from wind and cold. They eat grass and drink water, and fling up their heels over the champaign.*

Such is the real nature of horses. Palatial dwellings are of no use to them.

One day Po Lo appeared, saying: "I understand the management of horses"

So he branded them, and clipped them, and pared their hoofs, and put halters on them, tying them up by the head and shackling them by the feet, and disposing them in stables, with the result that two or three in every ten died. Then he kept them hungry and thirsty, trotting them and galloping them*, and grooming, and trimming,* ***with the*** *misery of the tasselled bridle before and the* ***fear of the knotted whip behind, until more than half of them were dead.***

The potter says: "I can do what I will with clay. If I want it round, I use compasses; if rectangular, a square."

The carpenter says: "I can do what I will with wood. If I want it curved, I use an arc; if straight, a line."

But on what grounds can we think that the natures of clay and wood desire this application of compasses and square, of arc and line? Nevertheless, every age extols Po Lo for his skill in managing horses, and potters and carpenters for their skill with clay and wood. Those who govern the Empire make the same mistake» Chuang-Tze, disciple of Lao-Tze

Mao – "Communism is not love, political power grows out of the barrel of a gun".

Comunismo não é amor, é um martelo para esmagar inimigo. Foi Mao quem melhor definiu a natureza do Comunismo, ao dizer que «*Communism is not love. Communism is a hammer which we use to crush the enemy*».

Quem é o inimigo? O próprio povo, claro.

Poder político cresce do cano de uma arma. E, de modo bastante autobiográfico, observou que «*Political power grows out of the barrel of a gun*»

Maoísmo em acção – Desintegração, desumanização e comunitarismo.

Mao devasta a China usando o modelo soviético. Mao repetiu na China o mesmo processo de devastação social e económica que Lenin, Trotsky e Stalin tinham infligido à Rússia.

Mao atraiçoa base de apoio, camponeses pobres que esperam terra, direitos. A maior parte dos apoiantes de Mao são camponeses pobres que esperam obter terras e direitos. Tal como antes na Rússia, estes apoiantes vão ser traídos.

Execuções em massa e reforma agrária com estabelecimento de comunas. O regime comunista impõe o sistema de comunas, executa qualquer forma de oposição ao novo sistema. Mais de 4 milhões de pessoas são mortas a sangue frio, apenas nos primeiros 5 anos de libertação. São estabelecidas mais de 26.000 comunas agrárias, com 5000 famílias cada.

A máquina de desumanização da "vida comunitária".

"Vida colectiva", separação de famílias, autoritarismo, redes de informantes. Nas comunas, toda a vida é colectiva. As pessoas vivem em dormitórios, trabalham em conjunto e comem em messes colectivas. As crianças são separadas dos pais durante os primeiros anos de vida, de modo a que recebam a educação *certa*: a que o partido quer. As comunas são geridas com punho de ferro por membros do Partido, e em todas elas a ordem é mantida através de vastas redes de informantes: com a consequência de que ninguém pode confiar em ninguém.

Desumanizar para atomizar – destruir laços para criar o escravo atomizado. A comuna chinesa é uma máquina de desumanização que vai tentar eliminar os conceitos de comunidade tradicional, de família, de espaço pessoal, e até de confiança mútua entre seres humanos. Quebrados os laços entre seres humanos, o indivíduo vai ter tendência para apenas estabelecer relações de conveniência com os outros, e fica sozinho perante a plena autoridade do estado. Pode então ser tornado num trabalhador muito apático, temeroso, obediente, e forçado a desempenhar funções de escravo.

Maoísmo em acção – Corrida para o fundo entre comunas.

O PCC declara a necessidade de ter competição económica inter-comunas. Faz parte da grande revitalização proletária chinesa.

Falsificação de dados, desmantelamento, corrida para o fundo. As autoridades das várias comunas falsificam resultados, e destroem continuamente a capacidade de produção.

Produção quebra drasticamente – miséria, fome, canibalismo. Economicamente, as comunas vão ser catastróficas. A produção agrícola vai decair radicalmente e provocar uma das piores fomes de sempre. A fome mata milhões de chineses e dá origem a canibalismo em larga escala. Nos outros sectores de produção, os resultados serão igualmente catastróficos (imagens de indústria, minas, montes, etc).

Dependência alimentar do ocidente, tal como Rússia. Tal como na Rússia, a China vai ter de comprar os seus cereais no exterior, primariamente aos países ocidentais.

Catástrofe económica culpada no povo, alterações climáticas, insectos.

Alterações climáticas, pragas de insectos. Tal como na Rússia, a culpa vai ser colocada em alterações climáticas e em pragas de insectos.

Povo é capitalístico, preguiçoso, ineficiente – precisa de ser reformado. Também é culpada na "falta de eficiência" do povo, tal como antes também tinha acontecido na Rússia. O estado dirá que as velhas gerações são preguiçosas, e estão contaminadas com valores capitalistas e burgueses.

Revolução Cultural.

A resposta à decadência provocada por "hábitos burgueses".

Uma nova geração doutrinada para instalar a revolução cultural.

Ignorante, alienada das gerações mais velhas, doutrinada em Maoísmo religioso. A esperança está nas novas gerações: milhões de adolescentes, separados dos pais na infância, e completamente doutrinados nas escolas comunistas. Nascida e criada sob o Maoísmo, esta geração estava inteiramente doutrinada para os princípios e dogmas do regime. Estes jovens eram ignorantes e tinham crescido num gulag psico-cultural, a manifestação de uma nova, cega religião, com Mao como um deus vivo.

Mao – "Ler demasiados livros é prejudicial" – Ignorância é essencial sob marxismo. Como Mao disse, «*To read too many books is harmful*»; não era suposto que a nova geração fosse culta, ou inteligente, mas apenas que fosse composta por ignorantes fanatizados, à semelhança de qualquer milícia medieval, e cumprisse o seu papel na "limpeza" do panorama cultural do país.

"Guardas Vermelhos têm o dever de purgar maus hábitos das gerações precedentes". Mao declara que os jovens da China têm o dever de disciplinar as gerações mais velhas, e de purgar os "vícios burgueses" e os "maus hábitos".

Revolução Cultural (1966--), executada por gangs de Guardas Vermelhos. A Revolução Cultural é lançada em 1966, e confiada a esta nova geração de adolescentes lavados

cerebralmente, organizada em gangs sob a forma dos “Guardas Vermelhos”. É a estes milhares de brigadas de jovens que é dada plena autoridade, para prender, julgar, executar. Para serem virados contra as gerações mais velhas.

Revolução Cultural mata dezenas de milhões de pessoas. Com perseguições, detenções e julgamentos arbitrários, execuções em massa, purgas urbanas; filhos a caçar os pais. A Revolução Cultural entra, e mata mais várias dezenas de milhões de pessoas.

Devastação maoísta mata milhões, destrói sociedade, instala um estado policial. Nos anos 70, mais de 60 milhões de pessoas tinham sido mortas desde o início da revolução. A cultura tradicional estava inteiramente destruída, e os comunistas reinavam sem qualquer oposição. Um estado policial opressivo a reinar sobre um país barbarizado, em escombros.

Cao Changqing – A bestialização da Revolução Cultural, catarse de maldade.

Cao Changqing, escritor chinês dissidente (2006).

“Durante Revolução Cultural, Chineses foram bestializados”.

“Background ateísta e ideologia comunista no centro desta condição”.

“Traição ubíqua, denunciações, ataques e violência, libertação catártica do pecado”.

“Quase todos na China tornados em monstros, cúmplices no derramento de sangue”.

«*During the Cultural Revolution itself, the Chinese became like wild beasts, a situation made possible by their atheist background and the violence at the heart of communist ideology. They stopped at nothing to achieve their objective, with husbands and wives betraying each other, children denouncing their parents, and students attacking their teachers. It was a time when virtually everyone in China was transformed into a monster complicit in the bloodshed. As these events unfolded, people were only concerned about ideology: They cared little for individual human lives, much less for honor. The Cultural Revolution brought out the beast in the Chinese; it was a cathartic release of the will to sin*» [“Cultural Revolution isn't over yet in PRC”, Cao Changqing, Taipei Times, May 19, 2006]

David Rockefeller – “From a China traveler” (1973).

Uma pessoa decente teria visto genocídio e horror – David vê uma promessa brilhante. Onde uma pessoa decente teria visto apenas genocídio e horror, alguém como David Rockefeller vai ver progresso, e promessa. Em 1973, Rockefeller visita a China, e escreve um artigo no New York Times, onde tece rasgados elogios às políticas de Mao.

“Revolução produz administração eficiente e devotada”.

“Moral elevado, unidade – ideologia única deu grande avanço social à China”.

“Experiência social de Mao, uma das mais importantes na história”.

“*Whatever the price of the Chinese Revolution it has obviously succeeded not only in producing more efficient and dedicated administration, but also in fostering high moral and community of purpose… The enormous social advances of China have benefited greatly from the singleness of ideology and purpose… The social experiment in China under Chairman Mao's leadership is one of the most important and successful in history*.” [“From a China Traveler”, David Rockefeller, The New York Times, 8-10-1973]

Regime ideal para homens de monopólio.

“Harmonia, unidade, objectivos comuns – todos no mesmo barco”. Este é o regime ideal para homens de monopólio. “Harmonia, unidade, objectivos comuns”. Todos no mesmo barco, muito apáticos, pobres e sem ideias próprias, sob o punho de ferro do comandante.

A fase seguinte podia começar.

Começa o processo de conversão da China numa colónia fabril. Começou um dos mais rápidos e gigantescos processos de construção de um país que alguma vez tinha sido visto: o processo de conversão da China numa colónia de produção fabril semi-privada.

UK e EUA estimulam industrialização chinesa (60s).

UK, British Board of Trade exporta bens essenciais de desenvolvimento (1962). Em 1962, o British Board of Trade aprovou para exportação para a China itens como equipamento industrial, geradores eléctricos, automóveis e tractores, material ferroviário, motores de combustão, instrumentos científicos, e produtos químicos – todos estes, bens vitais para os planos de desenvolvimento da China.

EUA – Abertura comercial e cedência de patentes tecnológicas, de 1969 em diante. De 1969 em diante, política de relaxamento constante para com China. Entre outras coisas, começa a ser permitido que companhias americanas conduzam trocas comerciais não-estratégicas com a China. De entre os produtos autorizados: trigo, equipamento para construção de estradas, equipamento fabril.

Disponibilização de informação técnica e científica. Também é autorizada a partilha de informação “não-confidencial”,científica e técnica, com o governo chinês.

Nixon atribui MFN Status a China.

China com estatuto comercial de 'Most Favored Nation' desde Nixon. Recebeu "'most-favored-nation' trade status" [MFN] por parte de todas as administrações dos EUA desde Nixon. Também foi Nixon que deu este estatuto à URSS.

Nixon é recompensado, pós-Watergate – Funções diplomáticas na Ásia. Após o Watergate, Nixon vai ocupar funções diplomáticas no circuito comercial asiático.

Bechtel Corporation (70s) – Planificação da industrialização chinesa.

Firma com ligações aos mais altos níveis em Washington DC. A Bechtel, firma com ligações aos mais altos níveis em Washington.

Consultora para desenvolvimento económico-industrial. Assume o papel de planificadora do processo de industrialização chinesa.

Versão anos 70 da Albert Kahn, Inc.

Clube de Roma (70s) – China como fábrica do mundo, modelo de desenvolvimento.

Nos seus vários relatórios técnicos, como consultor oficial ONU. O Clube de Roma, consultor oficial da ONU, publica vários relatórios técnicos durante os anos 70, onde destaca que o papel da China para o futuro é o de ser o centro de produção fabril para o mundo.

Créditos comerciais – Créditos FMI e Banco Mundial (80s--).

Biliões em créditos comerciais, garantidos por contribuintes ocidentais. A par e passo com os créditos do FMI e Banco Mundial, houve inúmeros créditos comerciais 'para desenvolvimento', por parte de bancos e agências de desenvolvimento, igualmente garantidos pelos contribuintes ocidentais.

China começa a receber empréstimos FMI/Banco Mundial em 1980. A China junta-se ao FMI/Banco Mundial em 1980, e começa de imediato a receber biliões de dólares em empréstimos, apesar de ser bem conhecido que estava a devotar uma enorme porção dos seus recursos a desenvolvimento militar.

Empréstimos a condições preferenciais, baixos juros. Empréstimos a condições preferenciais, a baixos juros (citado que Banco Mundial emprestava a juros 0%).

Em 1987, já é a segunda maior destinatária de empréstimos FMI. Em 1987, a China era o segundo maior destino de empréstimos do FMI, perto da Índia, e as transfusões de capital aumentaram continuamente ao longo do tempo.

Em 1996, já é a maior destinatária de empréstimos Banco Mundial.

Crédito ocidental permite transferência em massa de indústria e tecnologia.

Crédito alimenta transferência em massa de tecnologia e capacidade produtiva. Com as torrentes de crédito que entravam surgiu a capacidade de comprar tecnologia e fábricas no estrangeiro.

Energia – metalurgia – equipamento militar – petroquímica – comunicações – aviónica. De entre a tecnologia transferida temos: equipamento de geração energética; fábricas metalúrgicas modernas; equipamento militar, incluíndo peças de artilharia, torpedos anti-submarino, jipes militares, e tecnologia electrónica sofisticada; desenvolvimento de campos petrolíferos no Mar da China; tecnologia aviónica, civil e militar; tecnologia digital de comunicações.

GATT deslocaliza indústria ocidental para China (80s--).

GATT, principal motor de industrialização chinesa, desindustrialização ocidental. Os acordos GATT, Acordos Gerais de Trocas e Tarifas, assinados nas Nações Unidas, tornam-se no principal motor para a industrialização da China, feita através da desindustrialização do Ocidente.

Governos ocidentais incentivam deslocalização de sectores produtivos inteiros. Através destes acordos, os governos dos países industrializados ocidentais comprometem-se a incentivar sectores industriais inteiros a transferir/deslocalizar as suas fábricas para a China.

Subsídios estatais para liquidação e reincorporação. Isso é feito através de subsídios estatais, que cobrem a desmontagem das indústrias nos países de origem, e a sua remontagem na China, bem como a construção de outras infra-estruturas.

Trabalhadores ocidentais pagam impostos para perder empregos. Através deste mecanismo, os contribuintes ocidentais vão pagar para perder os próprios empregos.

Situação GATT intensifica-se nos 90s, perdura até aos dias de hoje. Paralelamente, surgiram os Tratados GATT, que têm vindo a transferir capacidade produtiva a um ritmo constante para a China, situação que perdura até aos dias de hoje.

ONU, UNESCO – Programas educacionais.

Bolsas e programas de formação para técnicos chineses. Sob a coordenação da ONU, e da UNESCO, os países ocidentais aceitam oferecer bolsas e programas de formação superior a milhares de técnicos chineses, para engenharia e indústria.

Apoio comercial à China sustenta regime totalitário.

O doublebind de Tiananmen.

Uma mão condena totalitarismo, e a outra estende um cheque. Esta situação continuou ininterrupta mesmo durante o massacre de Tiananmen, em 1989. Com uma mão, os regimes ocidentais condenavam o massacre e, com a outra, continuavam a transferir o crédito e a tecnologia que permitiram que um dos regimes mais brutais de sempre sobrevivesse até aos dias de hoje e se tornasse numa potência mundial.

Após Tiananmen, "business as usual". Mesmo depois do massacre de Tiananmen Square, em 1989, quando políticos americanos estavam a condenar Pequim publicamente por violações de direitos humanos, os negócios continuaram calmamente (business quietly continued as usual).

China transformada na fábrica do planeta.

China absorve produção e tecnologia, torna-se fábrica do planeta. A capacidade produtiva e tecnológica transferidas transformaram a China na fábrica do planeta.

Multinacionais mudam-se em peso para China – Artigos. 24 multinationals move HQ to Shanghai; EU - Embracing the dragon – partnership (escrito pelo Center for European Reform, mais um membro da RIIA/CFR

China, modelo económico para o futuro.

China, o modelo ONU/Agenda 21 para o futuro. A China comunista é o país mais galardoado de sempre pelas Nações Unidas, e apresentado como modelo para o mundo, pelo seu modo de governância, e pelas políticas de controlo populacional que impõe sobre a população.

Beijing Consensus – dirigismo público-privado e escravatura. Serve de modelo para o desenvolvimento do mundo, e isso é consagrado no Beijing Consensus, que impõe a ideia de dirigismo estatal público-privado, para desenvolvimento económico.

China, pólo de integração económica para a Ásia. Actualmente, a China está a funcionar como um dos três mega-pólos de integração global, e uma das 10 sub-regiões globais.

Internazi – A síntese entre hiper-capitalismo e comunismo, na China e UE.

Sistema totalitário controlado por neofeudalismo privatizado. Um sistema totalitário dominado por privados, homens de monopólio, onde todos os esforços são orientados

para a eficiência na produção, com as massas a serem mantidas sob controlo por um estado brutal e militarizado.

Força de trabalho escrava. A força de trabalho é composta por escravos, alguns dos quais literais: como na URSS, condenados a trabalho forçado.

Call it Internazi – Internacional-socialismo, na China como na UE. Esta é a forma adequada e mais apurada de descrever o sistema terceira via chinês, à semelhança do seu correspondente europeu por enquanto mais soft caviar, UE.

Estes modelos terceira via encontram-se, equivalem-se, dentro de algumas décadas.

Estratificação social segue modelo do Império Britânico no século XIX.

"Elite" dominante multinacional. No topo, os representantes da elite dominante, que é multinacional.

Castas intermédias de decision-makers. Aqui temos oficiais do partido e das forças armadas, empreendedores ligados ao partido, burocratas administrativos de topo.

Vasta massa populacional de escravos e servos. Abaixo, uma vasta massa populacional que é efectivamente escrava, e incrivelmente pobre.

Estado totalitário em prol da elite dominante.

Uma minoria dominante e incrivelmente rica de homens de negócios gere o país através de um estado totalitário.

Expropriações forçadas, com recurso a gangs, mercenários, polícia local. A Sky News revelou que o governo chinês desenvolve uma política continuada de expropriações forçadas de camponeses, em que o governo e contratadores roubam terras e casas a pessoas e constroem os seus próprios desenvolvimentos nelas, sem notificação, nem compensação, nem outros procedimentos legais.

Megacidades, cidades-prisão, colónias laborais para escravos pós-rurais. A larga maioria da população é mantida em condições de pobreza e escravatura, em cidades sobre-populadas, que funcionam como gigantescas cidades-prisão, colónias de trabalho para quem não tem qualquer alternativa.

Planos para urbanização forçada de mais 400-500M de camponeses. A China tem planos para enfiar mais 400/500 milhões de camponeses em megacidades.

[China to create largest mega city in the world with 42 million people]

Massacres rotineiros, perante a mais fria indiferença da "comunidade internacional". Eventos à escala de Tiananmen Square acontecem rotineiramente, sem qualquer tipo de

demonstração de interesse por parte dos media e governos ocidentais. Nalguns casos, quando são reportados, são apresentados como actos de “elementos criminosos” da sociedade chinesa [exemplo da reportagem TSF, que apresentava a insurreição de milhares de camponeses contra exército e polícia numa província rural como um acto de “vandalismo” por “elementos criminosos”].

Práticas eugénicas – aborto, esterilização, eutanásia, roubo de órgãos. Ver secção própria.

Espiões, vigilância, campos de concentração. As cidades estão repletas de redes de vigilantes, informantes e vigilância electrónica. Opositores ao regime, membros de grupos religiosos indesejados, e outros indesejáveis são enviados para campos de trabalho forçado e usados para colheita de órgãos, que são depois vendidos por oficiais governamentais no mercado internacional.

Crianças doutrinadas para espionagem civil. Nas escolas, as crianças são doutrinadas desde pequenas a encararem cada novo nascimento como uma coisa má, na medida em que cada nova criança vem consumir mais recursos da comunidade. Da criança chinesa, espera-se que cresça a policiar, e a espiar, os hábitos de colegas e vizinhos.

Autoritarismo, desumanização, comercialização da vida humana. A China comunista ainda não é a utopia sonhada pelos eugenistas, mas está tremendamente próxima desse modelo. Autoritarismo, desumanização, comercialização da vida humana – todos são elementos essenciais do mundo que está a ser construído.

Gulags psiquiátricos chineses – sistema Ankang. O governo chinês diagnostica opositores políticos (ou meramente, pessoas que se queixam ou que protestam) como tendo 'monomania política', rapta-os e interna-os em hospitais psiquiátricos, como parte do notório sistema Ankang. Aí, são submetidos a re-educação, medicação forçada, electrochoques e tortura.

China – Political Prisoner Exposes Brutality in Police-Run Mental Hospital.

Pianka – “China is a leading power because it is a eugenic police state”.

“China é uma superpotência porque é um estado policial e pode impedir reprodução”. «*The reason China was able to turn the corner and is gonna become the new super power in the world is because they got a police state and they can force people to stop reproducing. That’s the only reason they were able to turn the corner*» [Dr. Eric R. Pianka, presentation to the 109th meeting of the Texas Academy of Science, March 2-4, cit. in “Dr. ‘Doom’ Pianka Speaks”, Rick Pearcey, The Pearcey Report, April 6, 2006]

SOROS (2009) – Modelo EUA acaba – Consenso de Beijing, modelo para o mundo.

Palestra em Shanghai – Modelo (consenso) de Beijing é ideal.

Consumo EUA deixa de ser motor da economia global – "crescimento global lento". Depois, reiterou que o consumidor americano, até aqui o motor líquido da economia global, deixará de o ser. Ao mesmo tempo, não teria substitutos – neste ponto, a China não era (obviamente) uma opção. Logo, o "crescimento global" seria mais lento que no passado.

Modelo de Beijing salvou China da crise e é a via do futuro. George Soros deu uma palestra na Fudan University de Shanghai, onde afirmou que o isolamento relativo do sistema financeiro chinês relativamente ao sistema financeiro global, e um papel estatal forte na banca estão a ajudar a uma recuperação económica relativamente rápida no próprio país. Determinante nisto, os sistemas de controlos de capitais do país, que ajudaram a salvaguardar as instituições financeiras das piores consequências da crise financeira global. «*In many ways, Chinese banking has benefited from being isolated from the rest of the world and is in better shape than the international banking system… The influence of the state is also greater. So when the government says 'lend', banks lend… this puts China in a better position to recover from the recession and that is in fact what has happened*»

Economia chinesa é promissora, crescerá, e merece investimento externo. «*I'm pretty cautious. Even though I've said prices are cheap, I'm not so optimistic as to put all my money into stocks or assets because I think that the outlook is fairly uncertain… I do, however, think that the Chinese economy is a promising economy. I think here it is more a matter of finding the right assets rather than saying that I'm not interested in investing…*» ["George Soros: China a 'positive force'", Reuters, June 7, 2009]

SOROS (2009) – Poder global da China aumentará rapidamente.

China vai aumentar exports com extensões de crédito e investimento externo. «*China is also in a position to foster a revival of its exports by extending credit and investing abroad…*»

China será uma força positiva no mundo e no mercado.

Influência global da China aumentará mais depressa que esperado pela maior parte. «*China is going to be a positive force in the world and the market, and as a consequence, its power and influence are likely to grow. Personally, I believe it's going to grow faster than most people currently expect*» ["George Soros: China a 'positive force'", Reuters, June 7, 2009]

SOROS (2010) – Elogia totalitarismo chinês, apela a ordem multipolar.

Artigo na Foreign Policy.

O artigo junta-se aos uivos anti-parlamentares de Soros. O último parágrafo do próprio artigo consiste numa tirada anti-parlamentar, denunciando os vários jogos de interesses e a corrupção moral do Congresso EUA.

"Declínio EUA similar a declínio UK pós-II Guerra". Soros comparou o declínio económico dos EUA ao declínio da Grã-Bretanha após a II Guerra.

Implicação – "Fim do Império" leva a forma imperial superior, ordem multipolar. Aqui a implicação essencial e óbvia é o o virtual fim do Império Britânico, no pós-Guerra. É de notar que o Império Britânico não acabou, simplesmente foi metamorfoseado numa forma "superior", algo como o Império Transatlântico, império anglo-americano-germano-franco. A insinuação óbvia de Soros é que, agora, esse império é substituído por uma forma "superior", a ordem multipolar, na qual a China joga um papel essencial.

"China tem melhor economia e melhor governância que EUA".

"Transição rápida de poder dos EUA para China".

"China tem de aceitar responsabilidade global na nova ordem [multipolar]".

«*There is a really remarkable, rapid shift of power and influence from the United States to China… Today China has not only a more vigorous economy, but actually a better functioning government than the United States… China has risen very rapidly by looking out for its own interests… They have now got to accept responsibility for world order and the interests of other people as well*» ["Soros: China has better functioning government than U.S.", Joshua Keating, Foreign Policy, November 16, 2010]

Tudo isto acompanha trabalho Soros em multipolaridade e partição. Tudo isto acompanha o trabalho dos institutos Soros, devotados à ordem multipolar e a estudos de partição nacional – i.e., neo-feudalismo imperial à escala continental.

O futuro da China – Militarismo e nacional-socialismo, importantes para o futuro.

De Mao para Xiaoping – de saltimbancos para um establishment. O regime de Mao era um regime de saltimbancos benthamitas. Os posteriores, como a actual oligarquia liderada por Deng Xiaoping, tem mais a ver com a confluência entre charlatães de RP, empresários sem escrúpulos, líderes partidários, e militares autoritários – tudo isto expressa um establishment interno mais ou menos bem definido, que não existia no tempo dos pupilos de Russell e Dewey.

Militares e burocratas cultivam nacional-socialismo. A facção militar e os burocratas de carreira cultivam uma forma de nacionalismo extremo, socialista, com a divinização do líder, a visão integrativa e comunitária da sociedade, e a restrição parcial do discurso à "nação". Ou seja, nacional-socialismo.

“Ein Reich, ein Volk, ein Führer”. Esta é essencialmente a visão chinesa, junto destas facções: “One state, one party, one leader, and one doctrine”.

Essencial aqui, noções de superioridade étnico-racial chinesa. Com toda uma série de escolas e estudos antropológicos e históricos para provar a superioridade da “raça” chinesa e do seu Império de 2000 e tal anos.

Esta é a facção que vê o século 21 como o século chinês – Supremacismo global.

Facção essencial para expansionismo militar chinês, sob lei internacional. Esta facção não vai vencer, no sentido de vitória nacionalista, mas será essencial para provocar estragos pelo mundo fora, à medida que a China começar a assumir um papel relevante de segurança e intervenção militar à escala internacional, a acompanhar a sua expansão comercial e financeira. Será a facção que liderará a ocupação da Sibéria, no cenário comentado por Attali.

Fragmentada, particionada e desapoderada com o colapso feudal da China. Será também a facção que será essencialmente particionada e desapoderada, enquanto classe, com o colapso feudal da China, também comentado por Attali.

O futuro da China – Expansão e fragmentação.

China usada para avançar terceira via em globalização – Internazismo.

As nações são veículos temporários e contingentes – China será fragmentada. No modelo actual, o estado-nação é um veículo temporário para alcançar objectivos específicos. Quanto a China tiver cumprido o seu propósito, será fragmentada.

O futuro da China – RUSSELL – Um novo sistema económico para o mundo.

Comunismo chinês trará consigo um sistema económico melhor.

Dará a **toda a humanidade** uma nova esperança, no **momento de maior necessidade**.

Russell parece enquadrar isto num cenário de colapso capitalista.

Numa passagem curiosa, Russell diz-nos que a contribuição da China comunista seria, eventualmente, a «*inauguration of a better economic system*», e que isso significaria que a China «*will have given to mankind as a whole new hope in the moment of greatest need*». Supõe-se que aqui estamos a falar do pós-capitalismo; quando o sistema capitalista começasse, ou começar a colapsar, a suposta salvação virá da China.

O futuro da China – WATT – “China to takeover, after the US collapses”.

Toynbee – EUA potência principal por 70 anos, aí, China assume poder.

E, nesta altura ainda era um país de 3º mundo – estamos a viver um guião.

alan watt - arnold toybee, china to take over the world jan26 (Arnold Toynbee disse que quando a América perdesse o seu poder – duraria como nação principal durante 70 anos, talvez menos – aí a China tomaria conta, e nessa altura a China era um país de 3º mundo. Estamos a viver um guião)

Toynbee, ascensão e colapso EUA – após colapso, China torna-se polícia do mundo.

Globalização sob socialismo científico.

Toynbee era um membro do RIIA [e intelectual-decisor do SIS/MI6].

arnold toynbee, us and china, globalization nov22 **++** (Toynbee falou da ascensão e colapso dos EUA, e disse que após o colapso, a China tomaria conta como o polícia do mundo – Falou do processo de globalização, sob socialismo científico – Membro do RIIA)

O futuro da China – ATTALI (1) – Dominância económica chinesa e asiática.

China continuará a financiar os défices dos EUA.

Tornar-se-á principal investidora na região, das Filipinas ao Cambodja.

«*A China continuará a financiar os défices dos Estados Unidos....[e] tornar-se-á o principal investidor da região, das Filipinas até ao Camboja...*» (p. 118) Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro".

"A Ásia dominará".

Dois terços das trocas comerciais do mundo serão feitas pelo Pacífico.

Em duas décadas, Ásia constituirá mais de metade da produção mundial.

«*A Ásia dominará. Dois terços das trocas comerciais do mundo serão feitas através do Pacífico. Em pouco mais de duas décadas, a produção da Ásia passará a constituir mais de metade da produção mundial*» (p. 117) Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro".

O futuro da China – ATTALI (2) – A fragmentação da China.

"Em 2025, o Partido Comunista desaparecerá".

Profunda desordem – talvez nova democracia – senhores da guerra.

Se país não conseguir manter unidade, fará parte da desconstrução geral de nações.

[Existe ainda passagem sob dispersão em massa para **Sibéria**, conquista do território].

«*Por volta de 2025, o Partido Comunista [Chinês]... desaparecerá de uma forma ou de outra. Uma profunda desordem reinará durante algum tempo, como foi tantas vezes o caso da história deste país. Poderá mesmo surgir uma nova democracia... dominada por "senhores da guerra". Se o país não conseguir manter a sua unidade...tomará parte no movimento geral de desconstrução das nações*» (p. 119) Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro".

China – Technocracy and the Making of China

“Technocracy And The Making of China”, Patrick Wood, August Review, Findings & Forecasts 05/22/2013.

China convertida em tecnocracia – O factor Brzezinski.

Consórcio Trilateral: Overview of East-West Relations (Triangle Paper No. 15).

> Construir China, torná-la em superpotência para o século 21.
>
> “Avançar desenvolvimento económico e militar da China – transferir tecnologia”.
>
> “Tornar China superpotência militar: Fortalecê-la e normalizar relações com Rússia”.

China, uma tecnocracia – Tecnocracia, modelo para o mundo, Utopia, Yin Yang.

> China, uma Tecnocracia, neo-autoritarismo na linha de Singapura, Coreia do Sul, Taiwan [Japão].
>
> [A morte do espírito humano na máquina tecnocrática precede o Culto da Morte].

China convertida em tecnocracia – O factor Brzezinski.

Artigo do excelente Patrick Wood na August Review.

Após Nixon e Kissinger, Brzezinki, Vance e Carter. «*The policy of “normalization” of relations with Communist China – in effect a program to build China technologically into a super power – was implemented by Zbigniew Brzezinski. A high ranking Administration source is reported as saying: “This was Zbig’s baby more than anyone else’s.” From outside the White House (from a top policy maker who generally sides with Cyrus Vance): “Zbig is really riding high now. He had the central role behind the scenes, and he was all alone in the press play. I’m told the President thinks Zbig did 99 percent of the work on China.” More likely, however, the China policy was formulated and implemented by a Trilateralist troika:* ***Jimmy Carter****,* ***Cyrus Vance*** *and* ***Brzezinski****.*

And this policy was only a continuation of a policy begun under a "Republican" Administration, that of Richard Nixon and ***Henry Kissinger****, another Trilateralist. The heady effect that these vast policy making exercises have on these men, almost an infantile reaction, is well reported in the Washington Post on February 8, 1979 with the headline, China Policy: A Born-Again Brzezinski, [4]describing how Brzezinski excitedly describes his meeting with Teng [aka Deng Xiaoping]: "FEBRUARY 1979 — The eyes sparkle with excitement even days later. The arms erupt in sudden sweeping gestures when he talks about it. And that causes the photos — about a dozen of them — to fly out of Zbigniew Brzezinski's hands and scatter over the floor of his office as he is speaking. "Here's Cy… and here I am… and there is Teng right between us…" Brzezinski is talking in that quick. clipped, excited style that is his way, and he is pointing at one photo that remains in his hand while he bends to scoop up the rest, talking all the while. "It's amazing, when you think of it. The leader of a billion people — having dinner in my house just two hours after he arrived in this country! "I mean, it really is rather amazing!""»*

Consórcio Trilateral: Construir China, torná-la em superpotência para século 21.

<u>An Overview of East-West Relations (Triangle Paper No. 15)</u>.

<u>"Avançar desenvolvimento económico e militar da China – transferir tecnologia"</u>. Feito, a toda a linha.

<u>"Tornar China superpotência militar: Fortalecê-la e normalizar relações com Rússia"</u>. Ambas as coisas foram feitas.

<u>"Actividades militares chinesas em Tailândia, Malásia, aumentam, e isso é bom"</u>.

«*Trilaterals propose to build up Communist China. Trilateralist policy is clear cut. The West must aid the construction of Communist China: this is expressed in An Overview of East-West Relations (Triangle Paper No. 15, p. 57) as follows: "To grant China favorable conditions in economic relations is definitely in the political interest of the West" adding "…there seems to exist sufficient ways for aiding China in acceptable forms with advanced civilian technology." Triangle paper 15 also adds: "The situation is different… where arms supplies or advanced military technologies are concerned, except for types of equipment that by their nature serve purely defensive purposes." (p. 58)*

In fact, as we shall see later, Trilateral firms have exported even advanced military technology to Communist China. Further, as part of one world, Trilateralists see an ultimate merging of free enterprise Taiwan with the Communist mainland. Even more remarkable, the paper envisages that Communist China will return to an expansionist aggressive policy under two conditions: as Communist China 1. "gets stronger," 2. if relations with the Soviets are "normalized." The paper adds, "already now, the activity

of Communist Guerrillas in Thailand and Malaysia, linked to each other and looking to China, persists and even seem to be on the increase." (page 59)

So far as Communist China is concerned, we may conclude that Trilaterals: Want to build Communist China into a military superpower, wish to do this with the full and clear understanding that China will likely resume its expansionist course in the Far East, and are willing to subsidize guerrilla activities in Thailand and Malaysia (much of the "civilian technology" currently being transferred has usefulness for guerrilla warfare.)»

China, uma tecnocracia – Tecnocracia, modelo para o mundo, Utopia, Yin Yang.

Kaiser Kuo, artigo na Time Magazine, Junho 2001.

China é agora uma Tecnocracia.

Neo-autoritarismo na linha de Singapura, Coreia do Sul, Taiwan [Japão].

[A morte do espírito humano na máquina tecnocrática precede o Culto da Morte].

«*...by June 2001, at least one writer for Time Magazine (connected with the Trilateral Commission, by the way) got it perfectly in Made in China: The Revenge of the Nerds [6]: China had been converted into a **Technocracy!** According to the author, Kaiser Kuo: "The nerds are running the show in today's China. In the twenty years since Deng Xiaoping's [Ed. Note: count backward to 1978 – 79] reforms kicked in, the composition of the Chinese leadership has shifted markedly in favor of **technocrats**. ...It's no exaggeration to describe the current regime as a **technocracy**. After the Maoist madness abated and Deng Xiaoping inaugurated the opening and **reforms that began in late 1978, scientific and technical intellectuals were among the first to be rehabilitated.** Realizing that they were the key to the Four Modernizations embraced by the reformers, concerted efforts were made to bring the "experts" back into the fold. During the 1980s, technocracy as a concept was much talked about, especially in the context of so-called "**Neo-Authoritarianism" — the principle at the heart of the "Asian Developmental Model" that South Korea, Singapore, and Taiwan had pursued with apparent success.** The basic beliefs and assumptions of the technocrats were laid out quite plainly: **Social and economic problems were akin to engineering problems and could be understood, addressed, and eventually solved as such.** The open hostility to religion that Beijing exhibits at times — most notably in its obsessive drive to stamp out the "evil cult" of Falun Gong — has pre-Marxist roots. **Scientism underlies the post-Mao technocracy**, and it is the orthodoxy against which heresies are measured." [Emphasis added]*»

PW: o coração da "New International Order" dos 70s é Tecnocracia (utopia, yin yang). «*Thus, during the 1980's Technocracy (and scientism) took deep root not only in China, but also in South Korea, Singapore and Taiwan. Similar gains were seen in Europe*

during the 1990's and in the United States since 1973. The Trilateral Commission's utopian "New International Economic Order" is Technocracy, and China was the first modern experiment and transformation. And, why not China? Dealing with a single Communist dictator was a lot easier than dealing with a parliament, congress or senate in more democratic nations. The so-called "Neo-Authoriarianism" mentioned above is ample evidence that the champions of Technocracy knew full-well that it would be easier to transform an already authoritarian nation into neo-authoriarianism one; in fact, as far back as 1932, original members of Technocracy, Inc. in the U.S. called for a dictatorship in the U.S. in order to implement Technocracy. This is the rest of the story, of which I was a keen observer at the time. What I lacked in education and academic discipline was amply shored up by the consummate researcher and scholar, Antony Sutton, who was a professor of economics and a research fellow at Stanford's prestigious Hoover Institution for War Peace and Revolution in California. Sutton is widely recognized as most detailed and prolific writer in the 20th century on the transfer of technology from the West to the East»